

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Economia e Relações Internacionais

MARIANA JARDIM DE ANDRADE E AMARAL

**HOUTHIS: ORIGEM, ASCENSÃO E SUSTENTO DOS ESFORÇOS DE GUERRA DO
GRUPO**

Uberlândia

2024

MARIANA JARDIM DE ANDRADE E AMARAL

HOUTHIS: ORIGEM, ASCENSÃO E SUSTENTO DOS ESFORÇOS DE GUERRA DO
GRUPO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel
em Relações Internacionais.

Área de concentração: Relações
Internacionais

Orientador: Aureo Toledo

Uberlândia

2024

RESUMO

Como os Houthis, originários do Iêmen, conseguem recursos para o sustento de seus esforços de guerra? O recente registro de atividade do grupo contra alvos internacionais frente à Guerra em Gaza, desde 2023, traz um novo enfoque ao debate sobre o patrocínio e às redes internacionais que possibilitam a manutenção bélica do movimento Houthi. Estudos sobre a disputa geopolítica vigente sobre o Golfo apontam para uma sólida relação entre os Houthis e o Irã, situando o primeiro, popularmente, como uma *proxy* iraniana. As perspectivas acadêmicas de análise do envolvimento iraniano no sustento e motivação do grupo, entretanto, são plurais e controversas, com estudos que apontam para distorções na narrativa da associação entre os atores. Nesse cenário, o presente trabalho pretende investigar a fundo os meios utilizados pelo Houthi, ou Ansar Allah, para o sustento de seus esforços de guerra. Na prática, os Houthis, originados como um grupo minoritário insurgente contra o governo militar do Iêmen, experimentam uma expansão em sua projeção internacional desde meados de 2016, em combate direto a navios e territórios da Arábia Saudita. O mais recente movimento de extrapolamento dos alvos iniciais do grupo, portanto, acompanha uma transformação no grau de tecnologia agregada e na tática de guerra adotada pelo Ansar Allah, o que contribui para a teorização sobre suas intenções expansivas e sua articulação por um patrono externo. Através de um estudo de caso de teste de hipótese, este projeto propõe uma apuração sobre os pressupostos que apontam ao patronato iraniano como base de sustento do grupo, sob a luz das contribuições teóricas de Mumford, Weinstein e Hoffman sobre os grupos insurgentes frente à Guerra por Procuração. Este estudo, portanto, contribui para um entendimento mais acurado sobre as disputas de poder que preponderam sobre o Golfo, na medida em que satisfaz a demanda por informações aprofundadas sobre os Houthis na língua portuguesa e combate a desinformação.

Palavras chave: Houthis, Iêmen, proxy wars, guerra civil, patrocínio

1. INTRODUÇÃO

O Iêmen é um país fundado em 1990 como resultado da unificação do Iêmen do Norte e do Iêmen do Sul, e tem como países fronteiriços o Omã, ao leste, e a Arábia Saudita, ao norte. Desde sua origem, o país, extremamente dependente de sua exportação de petróleo, é palco de disputas religiosas e políticas, especialmente durante o governo do presidente Ali Abdullah Saleh, que esteve no poder em Sana, no Iêmen do Norte, desde 1978 (CIA, 2024; POPP, 2015). Sob o governo de Saleh, até 2012, três principais forças de oposição se destacam na disputa pelo poder: o Al-Hirak, movimento do sul do Iêmen que pede por autonomia e secessão; o Al-Qaeda da Península Árabe (AQAB), que toma o território no final dos anos 2000; e, por fim, o movimento Houthi, originário do norte, que se destaca entre a oposição (LAUB, 2015).

O Houthi, nomeado em referência a seu líder e também conhecido por sua designação oficial, Ansar Allah (“Assistentes de Deus”), foi originado na província ao norte de Sa'ada. Na década de 2000, eles eram um movimento de protesto com relevância apenas local, que se opôs à marginalização da sua região de origem e à discriminação social e política dos xiitas Zaydis, que configuram 35% a 45% da população total do Iêmen (POPP, 2015). Os Zaydis acreditam que seu imã (governante da comunidade) deve ser descendente de Ali — primo e genro de Maomé — e alguém que assume como seu dever religioso rebelar-se contra governantes injustos e corruptos — sendo o primeiro estado Zaydi (ou Imamato) do norte do Iêmen fundado na década de 890 d.C. e perdurado de várias formas até a Revolução Republicana de 1962 (MADELUNG, 2012). As tribos Zaydis se concentravam na região norte, marcada pela geografia árida e montanhosa, que as privilegiava com isolamento em relação ao sul e, por conseguinte, laços tribais atenuados e leais entre os povoados. Não obstante, o apoio desfrutado pelo imamato no norte indica que essas comunidades permaneceram ligadas a essa instituição como a forma legítima de autoridade além da tribo, e que estavam dispostos a defender a autoridade “imâmica”¹ por convicção (GAUSE, 1990).

¹ Neologismo não existente na língua portuguesa, adaptado da terminologia utilizada por Gause, 1990.

Com raízes no movimento reacionário da Revolução de 1962², os primórdios da concepção atual dos Houthis são observados na década de 1980 em forma de resistência à influência cultural e política exercida pelos sauditas no Iêmen, materializada no Wahabbismo — política de disseminação sunita³. Já em 1990, o movimento toma forma com o partido Al-Haqq, que tinha a ambição de se tornar o representante do Zaydismo como herança e resistência, tendo membros eminentes eleitos para o Parlamento (Hussein e Yahya al-Houthi em particular) (EL MAWLA, 2016).

Com o partido Al-Haqq, Sa'ada recuperou sua posição como centro espiritual e intelectual do Zaydismo conforme a população aderiu ao revivalismo, chamado “Despertar Zaydi”, atraindo milhares de estudantes iemenitas e estrangeiros com propostas modernizadoras, como a participação governamental de não-Zaydis. Nesse contexto, diante dos eventos de 11 de Setembro de 2001, o movimento adere ao discurso anti-americanista e antisemita, passando a sofrer com a repressão pelo próprio governo de Abdul Salleh, concretizando a centralização do movimento sob a liderança de Hussein Al-Houthi. Após sua morte e a posse do partido por Abdul-Malik Al-Houthi, seu irmão mais novo, o Iêmen viu uma temporada de insurgências entre 2004 e 2011, período no qual a Arábia Saudita é envolvida no conflito frente às tentativas de avanço Houthi sobre as fronteiras (EL MAWLA, 2016).

Após a “Revolução Iemenita” de 2011⁴, as lutas pelo poder entre as elites políticas do país continuaram. Assim como na Tunísia e no Egito, os grupos locais tomavam frente contra o governo autoritário do presidente Ali Abdullah Saleh. O conflito foi temporariamente resolvido por uma iniciativa do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) — formado por Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait, com a qual Saleh concordou no final de Novembro de 2011 sob pressão internacional.

² O movimento reacionário foi protagonizado, em peso, pelas comunidades Zaydis, que se posicionaram contrariamente ao republicanismo e em defesa da permanência do Imamato como governo legítimo. O multiconfecionalismo republicano era impeditivo à manutenção das práticas do Imamato Zaydi (El MAWLA, 2016)

³ O Wahabismo é um movimento religioso sunita que prega a interpretação literal do Alcorão e rejeita a teologia islâmica que nasce após a morte de Maomé. Constitui a base ideológica da maioria religiosa na Arábia Saudita.

⁴ No final de janeiro de 2011, na sequência das revoltas tunisinas e egípcias, o Iêmen foi palco de uma série de movimentos de protesto contra o governo militar de Saleh. A prisão, em 23 de janeiro, do ativista dos direitos humanos Tawakkul Karman — um membro do partido islâmico al-Islah — desencadeou uma onda de protestos sem precedentes, que uniu uma série de atores, movimentos e partidos na chamada “Juventude Revolucionária” (BENNEDY, 2012).

Esta iniciativa pôs em marcha um processo ordenado de transição e evitou, momentaneamente, uma iminente guerra civil. Saleh cedeu o poder ao presidente de transição, Abdu Rabbu Mansour Hadi, que, como único candidato nas urnas, ganhou mais de 99% dos votos expressos nas eleições de fevereiro de 2012. Além disso, um governo de unidade nacional foi formado (POPP, 2015).

No novo governo transicional, assentos de gabinete foram divididos igualmente entre os titulares do partido e uma coligação de partidos da oposição. A Conferência de Diálogo Nacional (NDC), que incluía todos os atores sociais e políticos, deveria elaborar uma proposta para uma nova constituição e sugerir maneiras de pacificar os conflitos no norte e no sul. Os Houthis, então, usaram o processo de transição para aumentar sua popularidade, mesmo fora de seu eleitorado principal, ao participar da NDC e prosseguir em oposição ao regime concomitantemente (POPP, 2015). Aliados ao ex-presidente deposto, Saleh, os Houthis capturam Sanaa em setembro de 2014 e o porto de Hodeida no mês seguinte. Em janeiro de 2015, o grupo toma o palácio presidencial em Sanaa, após intensos combates, e cerca a residência do presidente Hadi, que fugiu para a cidade portuária de Áden, no sul (ALJAZEERA, 2019a).

Desde março de 2015, a Arábia Saudita e os membros de sua coalizão militar, sustentada pela CCG, estão envolvidos em operações militares no Iêmen contra o movimento Ansar Allah, que o governo dos EUA acredita receber algum apoio material do Irã. Em novembro de 2021, o epicentro da luta passa a se dar em torno da província do norte e da cidade de Marib, uma das últimas áreas sob o controle do Governo da República do Iêmen (ROYG) reconhecido internacionalmente, liderado pelo presidente Hadi. Atualmente, os Houthis controlam o porto e a cidade de Hodeida, monopolizando o acesso à cidade pelo norte. Ao sul, ao longo da costa do Mar Vermelho, uma coalizão de forças (apelidada de “Forças Conjuntas de Resistência”) liderada por Tareq Saleh, sobrinho do falecido Saleh, permanece em ação desde 2018, quando a coalizão liderada pela Arábia Saudita tentou tomar Hodeida dos Houthis antes que o Acordo de Estocolmo interrompesse a luta. As forças de Tareq Saleh recebem apoio da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos. Elas não são formalmente parte do ROYG e operam independentemente do presidente Hadi (SHARP, 2021).

Nessa perspectiva, a partir de meados de 2016, os Houthis têm atuado em combate a atores internacionais fora do território terrestre iemenita, na medida em que a autoria desses ataques é assumida, ou, mais frequentemente, atribuída ao grupo sem confirmações concretas. Entre 2016 e 2022, especula-se que o Ansar Allah tenha executado com êxito três ataques em alto mar, proferidos contra uma fragata saudita, em 2017, resultando em três mortes; e um navio emiratense, no mesmo ano (GLENN; NADA; ROWAN, 2022). Nesse mesmo período, a Arábia Saudita afirma ter interceptado uma média de 20 mísseis. Não obstante, em 2018 e 2022, mísseis supostamente enviados pelo Houthi tiveram êxito nos ataques, assim como cerca de 3 ocorrências de ataques efetivos com drones contra a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (GLENN; NADA; ROWAN, 2022).

Entre as investidas perpetuadas pelos Houthis contra atores internacionais nesse período, destaca-se o ataque à petrolífera saudita Saudi Aramco, em 2019. Duas unidades da companhia, nas cidades de Abqaiq e Khurais, foram atacadas no dia 14 de setembro com drones, resultando em um incêndio de grande dimensão. No mesmo dia, um porta-voz do grupo assumiu a autoria do evento, reafirmando que o ataque, proferido por 10 drones, seria um ato de retaliação justa pelos últimos cinco anos de violência saudita em solo iemenita; e que seus alvos sauditas seriam constantemente expandidos nos anos seguintes (ALJAZEERA, 2019b). A ocorrência, que não resultou em mortes, fez com que as instalações fossem fechadas e, conseqüentemente, a produção de petróleo saudita caísse de 9,8 milhões de barris ao dia para 4,1, representando uma queda de 5% da produção mundial diária (SAID et al., 2019). Inicialmente, no dia 15 de setembro, os preços do petróleo bruto subiram 14,6%, o maior aumento no preço da *commodity* desde 1988. Nesse cenário, o presidente estadunidense Donald Trump aprovou a liberação de petróleo da Reserva Estratégica de Petróleo dos EUA, que contém mais de 640 milhões de barris de petróleo bruto. (KEARNEY, 2019)

A partir de 2023, entretanto, a projeção internacional dos Houthis inaugura um novo capítulo. Com o início do mais recente episódio da crise em Gaza, a partir de outubro de 2023, o grupo se posicionou em apoio à Palestina e tomou frente em retaliações militares. Em 19 de novembro, as forças Houthi começaram a atacar navios de transporte afiliados a Israel que passavam pelo Mar Vermelho. Os ataques, lançados em resposta à guerra de

Israel em Gaza após os ataques liderados pelo Hamas em 7 de outubro contra Israel, interromperam o comércio internacional na rota de transporte mais utilizada entre a Europa e a Ásia (ALJAZEERA, 2024). O primeiro alvo foi o navio britânico *Galaxy Leader*, cuja empresa responsável é associada a empresários israelenses. Já em dezembro, navios com bandeiras da Noruega, Ilhas Marshal, Hong-Kong e Singapura foram atacados, enquanto os contratorpedeiros estadunidenses *USS Laboon* e *USS Mason* interceptaram ataques do iemenita. Desde janeiro de 2024, os alvos incluem navios do Panamá, Dinamarca, Grécia e Ilhas Marshall, além dos navios estadunidenses *Gibraltar Eagle* e *Genco Picardy*. Diversas tentativas foram interceptadas e retaliadas pelos Estados Unidos com ataques a navios Houthis. Da mesma maneira, as Forças de Defesa de Israel afirmam ter interceptado diversos drones disparados do Mar Vermelho ou do Iêmen (USIP, 2024).

Diante dos eventos observados na última década, é possível identificar um claro extrapolamento dos propósitos iniciais da organização, que foi originada como um movimento de resistência Zaydi e assumiu uma posição crucial na defesa reacionária do imamato durante a década de 1960. Os Houthis, que já têm enfrentado as forças da aliança da CCG desde a década de 2010, passam a ampliar crescentemente seus alvos e sua projeção internacional a partir de 2023, valendo-se do controle marítimo exercido sobre a região do Golfo e da acessibilidade à tecnologia agregada em seus ataques.

A pertinência de um estudo aprofundado sobre o Ansar Allah, portanto, é justificada pela amplificação crescente de sua relevância política nos últimos anos. O grupo, uma vez inserido na maior crise humanitária do mundo declarada pela Organização das Nações Unidas (ONU) (UNRIC, 2023), passa a ser progressivamente ressaltado como um ator notório nos conflitos contemporâneos do Oriente Médio, à medida em que seu posicionamento como agente anti-ocidental atrai atenção da mídia e dos principais pólos de poder militar globais. Outrossim, a escassez de publicações científicas específicas na língua portuguesa ressalta a urgência de investigações sobre o grupo, uma vez que afeta negativamente a disponibilidade de informações ao público brasileiro.

Frente à expansão política e militar do Ansar Allah, oriundo de um país no qual cerca de 80% vive abaixo da linha da pobreza (COMITÉ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 2024), a atenção é colocada sobre os meios de sustento, sejam eles

internos ou resultantes de conexões externas, dos quais o grupo se vale. Weinstein (2005) explica que o financiamento de grupos de insurreição pode vir de fontes diversas, como a extração de recursos naturais, tributação da produção local, conduta de crime ou um patrono externo. A extensão do acesso a esses recursos econômicos depende, em grande parte, das dotações de recursos do país, do alinhamento de atores externos e da produtividade dos fatores de terra. Isto é, fatores que fogem do controle direto da organização rebelde no curto prazo. Faz-se necessária, portanto, a indagação: quais são os meios utilizados pelos Houthis para o sustento de seus esforços de guerra? Essa investigação deve contemplar seu estabelecimento inicial como principal força de oposição civil no Iêmen e sua recente expansão internacional como ator relevante no Golfo. Para responder à pergunta, portanto, é essencial uma apuração sobre as conexões internas e externas estabelecidas pelo Ansar Allah, assim como a dimensão e as especificidades dessas linhas de apoio desfrutadas pelo grupo.

Conforme já mencionado, a conexão do grupo com o Irã é um fato popularmente assumido, o que configura a principal hipótese para a compreensão de seu sustento de guerra. Figuras-chave da República Islâmica, especialmente dentro do Corpo de Guardas Revolucionários Islâmicos (IRGC), aumentaram as apreensões sauditas ao manifestar apoio retórico aos Houthis. Não há consenso completo entre as classes políticas e militares no Irã, mas membros tanto do IRGC quanto da elite política afligiram Riad ao emprestar apoio retórico aos Houthis, especialmente a partir de 2015 (WALSH, 2023). Outros indicativos que sustentam essa teoria incluem a proximidade político-ideológica de seu fundador, Hussein, com a nação persa pós-revolução e a aderência a *slogans* e imagens anti-imperialistas, anti-sionistas e islâmicos que se tornaram popularizadas pela República Islâmica do Irã (ALMAHFALI; ROOT, 2020). Para Zimmerman (2022), a assistência militar iraniana direta aos Houthis ocorreu definitivamente entre as revoltas da Primavera Árabe de 2011 no Iêmen e o golpe de setembro de 2014, acompanhando formas de assistência como o fornecimento de armas e treinamento. Para Walsh (2023) e Kendall (2017), por sua vez, as hipóteses de patrocínio iraniano são geralmente exageradas ou infundadas.

2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Diante da crescente expansão regional do escopo de atuação dos Houthis, assim como dos recursos desfrutados pelo ator em confronto com alvos sauditas, israelenses e estadunidenses, a atenção é colocada sobre os meios de patrocínio, sejam eles internos ou externos, que proporcionam seu sustento bélico e, consequentemente, político no Golfo. Para sobreviver, os líderes de insurgências rebeldes precisam de armas e munição; um suprimento de recrutas para combate; recursos para alimentar, equipar e financiar a organização; e treinamento para melhorar a eficácia dos combatentes rebeldes. Portanto, a disponibilidade de meios econômicos — incluindo recursos naturais, remessas da diáspora ou o apoio de um patrono externo — é fundamental para uma organização bem-sucedida e competitiva em relação ao governo (WEINSTEIN, 2005).

A partir do objetivo geral de investigação sobre a economia de guerra do grupo, faz-se necessária, em primeiro plano, uma revisão sobre o processo da criação do grupo Al-Houthi, investigando a origem do povoado Zaydi no norte do país e a função reacionária desempenhada pelo grupo minoritário frente à Revolução de 1962, assim como o princípio dos laços estabelecidos com o regime monárquico. Ainda, será destrinchado o processo de organização política do grupo até a formação do corpo originário do Ansar Allah, durante o governo de Salleh, proporcionando, enfim, a compreensão ampla da ascensão do grupo como principal frente de oposição ao governo iemenita no contexto da Revolução do lêmén de 2011.

Os laços entre os membros de um grupo de insurreição podem ser pautados na expectativa de retorno financeiro ou em aspectos sociais, incluindo crenças compartilhadas, expectativas comuns, normas de comportamento e confiança entre membros da população (WEINSTEIN, 2007). Nesse princípio, o segundo objetivo específico da investigação consiste em examinar a economia interna do grupo e os meios utilizados para a manutenção dos exércitos, arrecadação de armamentos, organização política e desenvolvimento de tecnologias. Para isso, é necessária a análise sobre os princípios por trás do recrutamento de novos membros do exército e a articulação do grupo com a sociedade civil, que configura seu capital social e permite sua manutenção por meio de laços de lealdade e coesão política. A oferta interna de recursos financeiros

também será examinada, assim como as hipóteses de mobilização dos recursos naturais do país, como o petróleo.

Mais adiante, tem-se o objetivo de destrinchar as especificidades do *modus operandi* do Ansar Allah no âmbito da guerra civil, assim como no cenário internacional. Isto é, investigar o modo de atuação desenvolvido pelo grupo em guerrilha nacional, incluindo sua tática de guerra, estilo de ataques, disponibilidade de recursos bélicos e nível de tecnologia agregada. Da mesma forma, serão examinados o estilo de ataque e o grau de tecnologia agregada nos diferentes eventos nos quais o grupo enfrentou agentes externos ao Iêmen, como a Arábia Saudita e as naves de países alinhados à Israel no Mar Vermelho. Assim, será possível traçar um perfil militar do Ansar Allah, incluindo o nível de violência empregado nos ataques, os alvos selecionados, a duração dos episódios e o capital humano dedicado ao combate.

Conforme as observações de Kendall (2017), o Iêmen possui acesso a armamentos leves e médios desde 2011, uma vez que são prontamente disponíveis no mercado negro a preços que se mantiveram estáveis desde logo após o início da guerra — provavelmente devido à distribuição do estoque do governo iemenita. Entretanto, existem evidências de que, desde 2015, o grupo passa a dispor de armas mais sofisticadas, que não compunham o estoque pré-guerra do Iêmen.

A partir dessa investigação sobre suas especificidades militares, por fim, o trabalho terá o objetivo de investigar os termos das parcerias estabelecidas entre os Houthis e outros atores internacionais, como o Irã, de modo a estimar a dimensão dos investimentos externos aplicados no grupo, assim como a possível influência destes na motivação, recursos e duração de sua atividade. Com esse fundamento, será possível estipular a proporção em que o acesso a meios bélicos pelo grupo se dá de forma autossuficiente ou pelo fornecimento externo.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Conforme o repertório teórico de Andrew Mumford (2013), as *proxy wars*, ou guerras por procuração, são uma forma indireta de conflito em que um terceiro (a *proxy*) luta em nome de um Estado ou de outro ator externo que, por sua vez, evita o confronto

militar direto, especialmente com adversários poderosos, reduzindo o risco de agravamentos ou de guerra em grande escala. O procurador, ou *proxy*, recebe apoio de diversas formas, como financiamento, armas, treinamento, inteligência ou apoio político que o permita continuar as suas operações e servir aos interesses do patrono externo.

Dessa forma, o patrocinador pode exercer influência sobre uma região de distância geográfica maior sem o deslocamento direto de esforços, na medida em que consegue ocultar ou negar seu envolvimento em conflitos onde *proxies* são usados. O patrono, então, desfruta de um controle velado, sem atrair condenação internacional ou violar leis internacionais sobre agressão direta. Mumford aponta grupos insurgentes, milícias, organizações terroristas e empresas militares privadas como principais tipos de atores a desempenharem o papel de *proxy* (MUMFORD, 2013). Em “*Proxy Warfare*” (2013), o autor exemplifica o envolvimento iraniano na guerra do Iraque, pelo patrocínio do Conselho Supremo para a Revolução Islâmica no Iraque.

Desde o fim da Guerra Fria, o cenário das guerras por procuração passou a se alterar. Em vez de serem impulsionadas principalmente pela competição entre super potências, as potências regionais assumiram um papel mais proeminente, frequentemente usando milícias transfronteiriças para lutar suas batalhas. Para Mumford, diferentemente do apoio unilateral fornecido pelas superpotências da Guerra Fria, o século XXI passa a ver coalizões de Estados apoiando os mesmos atores *proxy*. Essa abordagem coletiva pode ser vista no apoio da coalizão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) às forças anti-Gaddafi durante a revolta da Líbia em 2011. Além disso, alianças informais, como a colaboração entre a Síria e o Irã no apoio ao Hezbollah, refletem interesses estratégicos compartilhados.

Ainda sob uma visão teórica das modalidades modernas de guerra, conforme Hoffman (2007), os conflitos futuros não se encaixarão nas categorias tradicionais de guerra (convencional vs. irregular), mas envolverão estratégias complexas e combinadas que integram força militar com operações cibernéticas, guerra de informação e outros métodos não militares. A guerra híbrida é caracterizada pelo envolvimento de atores estatais e não estatais. Atores estatais podem patrocinar grupos não estatais, fornecendo-lhes recursos, treinamento e apoio político. Isso complica a identificação do verdadeiro agressor e confunde as linhas entre guerra, criminalidade e terrorismo.

Hoffman (2007) explora como exemplar o grupo libanês Hezbollah, que combina efetivamente táticas militares convencionais com as de guerra irregular. Ou seja, adapta estratégias de guerrilha e tecnologia avançada, como mísseis e drones, a capacidades semelhantes às de um Estado, incluindo redes de comunicação sofisticadas, inteligência e logística ao mesmo tempo em que mantém táticas de guerrilha assimétricas. A abordagem híbrida permite que os atores não-estatais desafiem os atores militares tradicionais do Estado, como visto durante a Guerra do Líbano de 2006, onde eles efetivamente enfrentaram as forças israelenses. O conflito iemenita, portanto, não se limita às táticas tradicionais de campo de batalha, uma vez que envolve guerra cibernética, propaganda e coerção econômica. Ambos os lados usam guerra de informação para moldar percepções internacionais, e a Arábia Saudita acusa o Irã de contrabandear armas para os Houthis, adicionando uma dimensão clandestina ao conflito.

Em complementaridade, Mutschler e Bales (2023) contribuem ao exame da evolução das táticas de guerra dos Houthis e da Arábia Saudita no Iêmen, com foco no papel da tecnologia de ataques de precisão e como ela mudou suas abordagens de formas de guerra mais "sólidas" para "líquidas", sob a vista da teoria de Hoffman. Entre 2004 e 2014, os Houthis utilizaram, em maioria, táticas de ataque e fuga contra os militares iemenitas e sauditas. Durante o conflito de 2009–2010, a Arábia Saudita entrou na guerra com uma abordagem militar sólida e convencional, contando com tropas terrestres e ataques aéreos para criar zonas de proteção territorial. Apesar dos bombardeios pesados, as forças terrestres sauditas lutaram no terreno montanhoso do Iêmen. Já a partir de 2014, o grupo parece transicionar da guerrilha para uma guerra mais convencional e sólida com a ajuda de unidades do exército iemenita e armamento pesado. Isso permitiu que capturassem e mantivessem um território significativo. Simultaneamente, eles também adotaram uma forma de guerra líquida, contando com a moderna tecnologia de mísseis e drones fornecida pelo Irã para atacar a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos de longe, alcançando infraestrutura crítica sem avanços terrestres.

Quando se trata do elemento motivacional das insurgências, para Weinstein (2006), o “capital social” configura a consciência e a identidade comuns em uma sociedade, que são mobilizadas para a ação conjunta. A solidariedade e o compromisso moral permitem superar as barreiras à organização, ativando normas de reciprocidade generalizada entre

líderes e seus seguidores, tornando possível para indivíduos comprometer tempo e energia para um movimento sob a promessa de recompensas, o que assegura a atração de novos membros. Com esse ponto de partida, líderes de grupos rebeldes deliberam sobre a estrutura dos governos que constroem em zonas liberadas, decidindo quanto poder deve ser compartilhado com não combatentes, quais linhas devem ser traçadas entre as esferas militar e não-militar do movimento e como a imagem do grupo nas interações com civis será manifestada.

As escolhas dos líderes rebeldes sobre quando e como usar a violência são, portanto, “moldadas pela natureza das suas interações com potenciais desertores e pela estrutura das organizações que gerem” (WEINSTEIN, 2006, p. 44). Weinstein, em sua obra, pormenoriza os princípios de recrutamento, governança, emprego de violência e organização industrial da rebelião, conforme relaciona a riqueza de recursos econômicos com o perfil de membros e a estrutura das organizações rebeldes.

Para explorar a possibilidade da ocorrência de Guerra por Procuração no objeto do caso, é necessário também um entendimento sobre os pólos de poder em disputa sobre a região do Golfo. De acordo com Gause (2014), os principais motivadores do conflito na região são atribuídos, em peso, à luta pelo domínio regional entre o Irã e a Arábia Saudita, que se encontram em uma “guerra fria” em vez de um confronto militar direto, já que ambas as potências evitam o conflito direto uma com a outra, usando *proxies* para estender sua influência em países como Iêmen, Iraque e Síria. O sectarismo é acentuado como uma ferramenta política no contexto: o apoio do Irã a grupos xiitas (como o Hezbollah e os Houthis) e o apoio da Arábia Saudita a facções sunitas têm mais relação com a promoção de interesses nacionais do que com objetivos religiosos. Conforme as observações de Gause, o patrocínio efetivo de aliados regionais requer, mais do que dinheiro e armas, “conexões ideológicas e políticas transnacionais que tornem clientes em potencial abertos a um relacionamento com o patrono. Essas conexões são agora mais importantes do que a força militar convencional para afetar o curso da política regional” (GAUSE, 2014, p. 23).

Para destrinchar os pormenores das teorias que apontam o Irã como principal ator por trás da atuação do Ansar Allah, é primordial explorar as origens dessa relação e a materialidade da influência iraniana sobre o Iêmen, de acordo com fontes

contemporâneas. Conforme Johnston *et. al.* (2020), o processo de estabelecimento de *proxies* por parte do Irã consiste em avaliação de potenciais mercados por seu valor estratégico; teste de investimentos em potenciais representantes internos e aprofundamento de laços com aqueles mais férteis. Os Houthis, apesar de não representarem um parceiro natural ao Irã, por divergências entre o xiismo, se destacavam entre os demais grupos opositores por sua mobilização militar (JOHNSTON *et. al.*, 2020).

Desde o final dos anos 2000, concomitantemente aos ataques de mísseis navais em navios estrangeiros, os Houthis também começaram a aumentar suas capacidades de mísseis balísticos, sem dúvida com apoio iraniano direto. A localização geográfica do Iêmen frente à Arábia Saudita fornece ao Irã vantagens estratégicas significativas que aumentarão na medida em que os Houthis ganharem poder substancial no Iêmen. O Ansar Allah demonstra a capacidade e a disposição de ameaçar alvos tão distantes quanto Riad, posicionando-os como um ativo estratégico comparável ao Hezbollah e sua ameaça a Israel (JOHNSTON *et. al.*, 2020).

Segundo Zimmerman (2022), os termos da relação da qual os Houthis desfrutam com o Irã e outros membros do Eixo da Resistência mostram uma incorporação robusta a uma rede informal regional mutuamente benéfica. A assistência militar e as armas sofisticadas que os Houthis receberam do Irã e do Hezbollah, especialmente capacidades de mísseis e UAVs (drones), obtêm resultados significativos e alteraram o escopo da guerra civil no Iêmen. Zimmerman aponta transferências de dinheiro diretas do Irã para membros dos Houthis, assim como a transferência ilegal de petróleo.

Além de destrinchar o suporte militar, político e diplomático oferecido pelo Irã, Zimmerman apresenta uma detalhada coletânea dos equipamentos desfrutados pelo grupo — assim como o alcance das armas exibidas. Para a autora, os envios interditados de armas na última década permitem uma noção sobre as armas e capacidades que a Força Quds transferiu para os Houthis. Esses embarques são contrabandeados em veleiros dhows que navegam pelo Golfo de Omã e descarregam sua carga no Omã ou no próprio Iêmen, para contrabandear por terra, ou na Somália, de onde são transferidos a embarcações menores com destino ao Iêmen. Zimmerman traça um registro das interações entre os Houthis e o Irã, assim como alguns outros membros da Axis iraniana como a Síria e o libanês Hezbollah (ZIMMERMAN, 2022).

Existe, entretanto, uma diversidade de perspectivas na análise da participação iraniana nos Houthis. Para contemplar um escopo mais amplo de concepções, será utilizada a análise de Tom Walsh. Walsh (2023) explora os possíveis interesses por trás de um exageramento retórico da conexão entre os dois atores por parte da Arábia Saudita, detalhando as especificidades do contexto em que o debate sobre a securitização do Irã se dá. Estabelecer uma conexão sólida entre os Houthis e o Irã foi eficaz na legitimação da operação *Decisive Storm*⁵, lançada pela Arábia Saudita contra o Iêmen em 2015. Porém resultou em perdas significativas para Riad. Walsh defende que isso representa um exemplo notavelmente eficiente e econômico da estratégia de guerra iraniana, apelidada de "geopolítica de guerrilha", quer eles tenham previsto seus efeitos positivos ou não. O sentimento anti-iraniano é “tão profundamente enraizado na política externa saudita que se tornou parte de sua estrutura ideacional. É nesse sentido que se pode entender a persistência do Reino em uma guerra que, em última análise, não pode ser vencida” (WALSH, 2023, p. 391).

Ainda sob uma perspectiva crítica sobre a narrativa do envolvimento iraniano no conflito, Elizabeth Kendall (2017) argumenta que evidências tangíveis de assistência militar iraniana na forma de armas pesadas que poderiam mudar decisivamente o curso da guerra são escassas, especialmente frente ao controle naval saudita, que tem a função de interditá-las. Para a autora, o envolvimento iraniano é, provavelmente, exagerado por oponentes e até pelo próprio país persa. A Arábia Saudita se beneficiaria de uma legitimação de sua política interventiva, sejam as intenções iranianas reais ou especulativas. O Irã, ao amplificar a percepção de seu suporte aos Houthis, pode buscar sinalizar sua força como ator central na geopolítica do Oriente Médio sem que seja necessário mobilizar concretamente uma porção grande de seus recursos. Analisando a disposição do grupo de armas leves e pesadas, o Painel da ONU, em 2017, concluiu que não havia “visto evidências suficientes para confirmar qualquer fornecimento direto em larga escala de armas do governo da República Islâmica do Irã” (ONU apud KENDALL, 2017, p. 7-8). Kendall conclui que

⁵ A operação *Decisive Storm* (ODS) consiste em uma série de ataques aéreos à bases Houthis no território iemenita, além de bloqueios navais. A operação foi acompanhada de uma intensa propaganda internacional a favor do combate ao terrorismo.

a aliança que os Houthis forjaram com o ex-presidente Ali Abdullah Saleh tem sido até agora muito mais essencial para os sucessos Houthis do que a assistência iraniana, de forma que, com ou sem o envolvimento do Irã, a estrutura subjacente do conflito e as queixas Houthis provavelmente seriam as mesmas (KENDALL, 2002, p. 11).

Considerando o objetivo de entender detalhadamente a origem dos Houthis, é necessária a utilização de fontes que forneçam com precisão histórica uma contextualização sobre a comunidade Zaydi, a politização desse grupo identitário e sua atuação na Revolução de 1962. Gregory Gause III (1990) destrincha a estrutura social dos lêmens do Norte e do Sul desde os mais remotos tempos, o processo de independência do Império Britânico e a configuração dos movimentos republicano e reacionário que estrelaram a Guerra Civil decorrente da Revolução. Em consequente, Salisbury (2015), discorre sobre a transformação do grupo numa milícia bem organizada e comprometida a partir dos anos 2000, com acesso a informações exclusivas de fontes internas do grupo, até a tomada de controle governamental pelo grupo em 2015.

Roland Popp (2015) descreve como o Ansar Allah — que tornou-se radicalizado e politicamente engajado entre 2004 e 2010, no curso de seis guerras travadas com o governo central sob Saleh — usou o processo de transição da Revolução do lêmên de 2011 para aumentar sua popularidade mesmo fora de seu eleitorado principal, defendendo princípios revolucionários, nacionalistas e anti-americanistas. O autor contextualiza a Guerra Civil do lêmên a partir de 2011, assim como a regionalização do conflito e as tentativas de intervenção diplomática. Em 2014, um Acordo de Paz e Parceria Nacional, elaborado com a ajuda da ONU, trouxe uma resolução superficial do conflito: foi nomeado um governo transicional que deveria contar com a participação dos Houthis, do Hirak e partes independentes da Juventude Revolucionária. No entanto, o acordo não foi efetivado, tanto por Hadi, quanto pelos Houthis, que prosseguiram para a tomada de Sanaa (POPP, 2015).

Jeremy Sharp (2019) oferece uma compreensão sistematizada dos diferentes atores de poder no lêmên, assim como a crise humanitária no país e o colapso econômico. Ainda sobre as tentativas de contenção por parte de atores internacionais, conforme explica Sharp, o Conselho de Segurança, em 2015, adotou a Resolução 2216, que deu início a uma política de embargo militar contra os Houthis. A operação UNVIM é

inaugurada em 2016, com o propósito de inspecionar embarcações que navegam para portos iemenitas fora do controle da ROYG para interditar armas ilícitas. O processo de liberação das embarcações é frequentemente complicado e resulta em atrasos significativos na entrega de bens comerciais ao país, contribuindo ao aumento exponencial do preço de recursos como o combustível.

Frente às novas tentativas falhas de cessar-fogo propostas sob supervisão da ONU e mediação do Omã em 2021, porém, é improvável que a mediação de terceiros tenha fertilidade em um diálogo de paz no Iêmen, para Sharp (2019). Sob sua análise, “quanto mais tempo (os Houthis) permanecerem como autoridade de fato no norte do Iêmen, mais seu governo se tornará uma norma aceita, com potencial aumentado de que tal legitimidade poderia ganhar” (SHARP, 2019, p. 18). Nesse contexto, à medida que o Iêmen se fragmentou em vários centros de poder, as agências internacionais de ajuda tiveram que adequar-se a regras e regulamentos concorrentes entre o norte e o sul do Iêmen e, às vezes, dentro de províncias individuais, levando à obstrução de missões de ajuda e à continuidade da crise humanitária de insegurança alimentar no país.

4. METODOLOGIA

Para analisar as possibilidades de que a economia de guerra dos Houthis, objeto do estudo, seja sustentada por conexões externas, como o Irã, será realizado um estudo hipotético-dedutivo. Nesse sentido, a metodologia utilizada será de estudo de caso, um método que permite a análise profunda do objeto em comparação com os valores previstos por uma teoria referencial, conforme Van Evera, a fim de testar a hipótese do patrocínio iraniano.

O estudo deve, portanto, nascer de uma investigação sobre o estabelecimento, o crescimento e a expansão das atividades do Ansar Allah, por meio da literatura histórica. A partir de então, as fontes contemporâneas sobre o sustento econômico e militar do grupo serão investigadas a fundo, de modo a confirmar ou não a aplicabilidade das teorias de *proxy* no objeto dos Houthis (VAN EVERA, 1997).

Uma vez que o presente estudo busca estabelecer familiaridade com um objeto pouco contemplado no Brasil, o levantamento de informações será feito pela revisão

Devido à atualidade do fenômeno aqui analisado, uma vez que o grupo se encontra em processo ativo de combate no momento da análise, serão consultadas fontes publicadas entre 2000 e 2023 para o entendimento das teorias contemporâneas, priorizando a atualidade. Desse modo, o funcionamento da economia de guerra do grupo pode ser compreendido, permitindo, enfim, a averiguação das teorias que apontam os Houthis como uma *proxy* iraniana.

- A. Leitura da bibliografia selecionada e levantamento documental;
- B. Escrita sobre a formação dos Houthis e sua ascensão ao poder;
- C. Escrita sobre as especialidades militares e a organização política do grupo;
- D. Escrita sobre as conexões externas do grupo e fornecimento de recursos;
- E. Conclusão da dissertação;
- F. Revisão final do texto escrito, conforme debate com Orientador para que, então, seja possível depositá-lo na Secretaria do Programa;
- G. Defesa da dissertação, em sessão pública.

[illegible]

C									X	X	X	X	X	X										
D															X	X	X	X	X	X				
E																				X	X			
F																						X		
G																								X

REFERÊNCIAS:

ALJAZEERA. **Houthi drone attacks on 2 Saudi Aramco oil facilities spark fires.** 2019b. Disponível em:
<https://www.aljazeera.com/economy/2019/9/14/houthi-drone-attacks-on-2-saudi-aramco-oil-facilities-spark-fires>. Acesso em: 14 jul. 2024.

ALJAZEERA. **Mapping the Red Sea attacks: how Houthi attacks on one of the world’s main maritime trade routes have impacted international trade.** Fev. 2024. Disponível em:
<https://interactive.aljazeera.com/aje/2024/mapping-red-sea-shipping-attacks/> Acesso em 12 ago. 2024.

ALJAZEERA. **Yemen war: 5 years since the Houthis’ Sanaa takeover.** 2019a. Disponível em:
<https://www.aljazeera.com/news/2019/9/21/yemen-war-5-years-since-the-houthis-sanaa-takeover> Acesso em 26 set. 2024.

ALMAHFALI, Mohammed; ROOT, James. **How Iran’s Islamic Revolution Does, and Does Not, Influence Houthi Rule in Northern Yemen.** Sana'a Center for Strategic Studies. 2020. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Mohammed-Almahfali/publication/346950549_How_Iran%27s_Islamic_Revolution_Does_and_Does_Not_Influence_Houthi_Rule_in_North_ern_Yemen/links/5fd36a31a6fdccdc8b83984/How-Irans-Islamic-Revolution-Does-and-Does-Not-Influence-Houthi-Rule-in-Northern-Yemen.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

BENNEFOY, Poirier. **The Structuration of The Yemeni Revolution**: Exploring a process in motion. Vol. 62, n. 5-6, Arab Uprisings, Reflections on Revolutionary Situations in Context. 2012.

CIA - Central Intelligence Agency. **Yemen. The World Factbook**. 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/yemen/#economy>. Acesso em: 16 set. 2024.

COMITÉ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA (CICV). **lêmen**. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/onde-o-cicv-atua/iemen#:~:text=A%20situa%C3%A7%C3%A3o%20humanit%C3%A1ria%20est%C3%A1%20piorando,o%20Crescente%20Vermelho%20do%20I%C3%A4men>. Acesso em 01 dez. 2024.

El MAWLA, Saoud. **Le mouvement houthi**. Areion Group. Diplomatie. No. 88. p 72-75. 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26982769>. Acesso em: 10 set. 2024.

GAUSE, Gregory F. III. **Beyond Sectarianism: The New Middle East Cold War**. Foreign Policy. Brookings Doha Center. 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4879297/mod_resource/content/1/GAUSE_Beyond%20Sectarianism_%20The%20New%20Middle%20East%20Cold%20War%20copy.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

GAUSE, Gregory F. III. **Saudi-Yemeni Relations: Domestic Structures and Foreign Influence**. Columbia University Press. Nova York. 1990.

GLENN, Cameron; NADA, Garrett; ROWAN, Mattisan. **Who are Yemen's Houthis?** Wilson Center. 2022. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/article/who-are-yemens-houthis>. Acesso em: 18 abr. 2024.

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars**. Potomac Institute for Policy Studies. Virginia. 2007. Disponível em: https://www.potomacinstitute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf. Acesso em: 26 set. 2024.

JOHNSTON, Trevor; LANE, Matthew; CASEY, Abigail; WILLIAMS, Heather J.; RHOADES, Ashley L.; SLADDEN, James; VEST, Nathan; REIMER, Jordan R.; HABERMAN, Ryan. **Could the Houthis Be the Next Hizballah?: Iranian Proxy Development in Yemen and the Future of the Houthi Movement**. RAND Corporation, 2020. 146 p. Disponível em:

https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR2500/RR2551/RAND_RR2551.pdf Acesso em 06 out. 2024.

KEARNEY, Laila. **Oil jumps nearly 15% in record trading after attack on Saudi facilities**. Reuters. 2019. Disponível em:

<https://www.reuters.com/article/us-global-oil/oil-prices-surge-15-after-attack-on-saudi-facilities-hits-global-supply-idUSKBN1W00UG/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

KENDALL, Elizabeth. **Iran's Fingerprints in Yemen: Real or Imagined?** Atlantic Council. Brent Scowcroft Center on International Security. 2017. Disponível em:

https://www.atlanticcouncil.org/wp-content/uploads/2017/10/Irans_Fingerprints_in_Yemen_web_1019.pdf. Acesso em: 19 set. 2024.

MADELUNG, Wilfred. **Zaydiyya**. The Institute of Ismaili Studies. 2012. Disponível em:

https://prod-static-iis.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/Zaydiyya_PDF-1294164387.pdf. Acesso em: 15 set. 2024.

MUMFORD, Andrew. **Proxy Warfare**. Polity Press. 2013. Cambridge.

MUTCHLER, Max; BALES, Marius. **Liquid or Solid Warfare? Autocratic States, Non-State Armed Groups and the Socio-Spatial Dimension of Warfare in Yemen**.

Bonn International Centre for Conflict Studies (BICC). 2024. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14650045.2023.2165915>. Acesso em: 18 abr. 2024.

POPP, Roland. **War in Yemen: Revolution and Saudi Intervention**. ETH Zurich. 2015.

Disponível em: <https://doi.org/10.3929/ethz-a-010681857>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SALISBURY, Peter. **Yemen and the Saudi–Iranian ‘Cold War**. Middle East and North Africa Programme. Chatham House. 2015. Disponível em: https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/field/field_document/20150218YemenIranSaudi.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

SAID, Summer; MALSIN, Jared; DONATI, Jessica. **U.S. Blames Iran for Attack on Saudi Oil Facilities**. Wall Street Journal. 2019. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/drone-strikes-spark-fires-at-saudi-oil-facilities-11568443375>. Acesso em: 14 jul. 2024.

SHARP, Jeremy M. **Yemen: Civil War and Regional Intervention**. Congressional Research Service. R43960. 2021. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/mideast/R43960.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

UNITED NATIONS INFORMATION CENTRES (UNRIC). **Iémen: a maior crise humanitária do mundo**. UNRIC, 2024. Disponível em: <https://unric.org/pt/iemen-a-maior-crise-humanitaria-do-mundo/>. Acesso em: 7 dez. 2024.

USIP - United States Institute of Peace. **Houthi Explainer: Timeline of Attacks**. 2024. Disponível em: <https://iranprimer.usip.org/index.php/blog/2024/feb/01/timeline-houthis-attacks-and-us-responses>. Acesso em: 13 ago. 2024.

VAN EVERA, Stephen. **Guide to Methods for Students of Political Science**. Cornell University Press. 1997.

WALSH, Tom. **Securitisation imperatives and the exaggeration of Iranian involvement with the Houthi movement by international actors**. Global Policy, 14, 385–395. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1758-5899.13204>. Acesso em: 20 set. 2024.

WEINSTEIN, Jeremy M. **Inside Rebellion: The Politics of Insurgent Violence**. Cambridge University Press. 2006.

WEINSTEIN, Jeremy M. **Resources and the Information Problem in Rebel Recruitment**. Vol. 49, No. 4. Paradigm in Distress? Primary Commodities and Civil War. The Journal of Conflict Resolution. 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30045132>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ZIMMERMAN, Katherine. **Yemen's Houthis and the Expansion of Iran's Axis of Resistance**. American Enterprise Institute. 2022. Disponível em: <https://www.aei.org/wpcontent/uploads/2022/03/Yemen%E2%80%99s-Houthis-and-the-expansion-of-Iran%E2%80%99s-Axis-of-Resistance.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.